WELLINGTON DE SOUZA FERREIRA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.107-111>

Caminhos e escolhas

Natural de Limoeiro-PE, filho de Marinalva Ferreira de Souza e Manoel Ferreira de Souza. Cresci com minha tia Maria das Graças e meu avô, José Pedro de Souza (em memória) na zona rural deste município em um sítio, Lagoa do Couro, um lugar de difícil acesso, onde o único transporte que tinha para ir à escola era o cavalo do meu avô. Tenho duas irmãs por parte de mãe, Maria Poliana e Maiara Ferreira. E quem sou eu? Sou Wellington de Souza Ferreira, cresci subindo e descendo ladeira levando “carreira” de boi brabo, correndo atrás de galinha, tomando banho de barreiro e cacimba.

Meu primeiro contato com a escola foi aos 5 anos, em uma escola da região; fazia a alfabetização, mas... REPROVEI! Como havia dito, meu único transporte era o cavalo do meu avô, e acabei não indo muitos dos dias para aula porque ele trabalhava na roça e não tinha como me levar. Até hoje lembro daquela escola, na cor azul e com grandes calçadas. Lembro-me, também, da minha “tia”, e ainda a chamo do mesmo jeito daquela época, “tia Nena”, sempre que a vejo vem as recordações.

Após ter reprovado, mudei de escola, mesmo não querendo, com um maior engajamento dos meus familiares para que isso não se repetisse novamente, e agora eu ia pra escola com mais frequência. A nova escola, Professora Suzel Galiza, se encontrava bem mais distante que a antiga; não me recordo muito dela, apenas de brincar no pátio

com meus colegas, merendas e algumas viagens que fiz. Lembro também de uma foto com roupa de policial que minha tia até hoje guarda com muito amor e carinho.

Menino viajado, mudei novamente de escola, indo para a primeira série do Ensino Fundamental I, no Ginásio de Limoeiro Arthur Correia de Oliveira. Decorei o nome de tanto repetir e de tanto que minha tia pedia para eu escrever. A cada erro, mais 3 vezes, como foi também com meu nome que não é lá tão fácil de escrever. Me recordo bem do prédio que era chamado de “Antigo cinema”, e era bem conhecido no município. E eu já não voltava mais de cavalo da escola, pois meu avô fretou uma moto para me levar da escola para casa. Estudava na parte da tarde, então, todos os dias às cinco horas da tarde ele estava lá me esperando e minha tia ou minha mãe me esperando na porteira.

Minha mãe é faxineira e minha tia concursada do município há mais de 15 anos, e sempre me incentivaram a estudar; falavam “estuda pra não precisar limpar um mato”. Meu avô era agricultor e mesmo não dizendo nada a respeito, não media esforços para me ver estudando. Mesmo sem ter luxo nunca me faltou nada em casa, muito pelo contrário, sempre tinha tudo e mais um pouco.

Ainda estudando no Ginásio com 10 anos, tive que me mudar para a cidade, pois meu avô estava muito doente e onde morávamos o acesso a nossa casa era muito difícil, dificultando o socorro a ele. Na quinta série, a primeira turma em que estudei no turno da manhã, adquiri um apreço pela disciplina de matemática, devido à forma que o professor ministrava suas aulas, e me sentia mais envolvido com aquilo que estava aprendendo. Era um aluno tranquilo, nem da turma do “fundão” nem dos “nerds” que sentavam lá na frente, ficava no meio, e dependendo da disciplina, tinha notas boas e outras nem tanto, por exemplo, em História.

Na sexta série, tive que mudar de turno, pois minha tia trabalhava pela manhã e não tinha ninguém para ficar com meu avô, que já estava bem debilitado e precisava de muita atenção, então tive que passar por essa mudança e me adaptar aos novos colegas de turma e à nova rotina. Rapidamente consegui me inserir nessa nova realidade que perdurou até a oitava série, e neste mesmo ano tive a triste notícia de que meu avô havia falecido, me vendo em uma situação desnorteante, sem aquele que tinha como um pai para mim e que sempre estava junto a mim.

A oitava série (nono ano) foi meu último ano no Ginásio de Limoeiro, pois a escola não ofertava as séries do Ensino Médio, e mudei novamente de escola. Fiz o vestibular para entrar na ETE-Limoeiro, consegui aprovação e iniciei uma nova jornada, enfrentando novos desafios, já que teria agora que passar o dia inteiro na escola que tinha o ensino técnico. Para me inscrever no vestibular contei com o auxílio da minha prima que tinha um computador, e a mesma já tinha passado por esse processo seletivo, dessa forma, contribuindo para a escolha do técnico em informática no momento da inscrição.

A escola ofertava dois cursos técnicos integrados com o Ensino Médio, o técnico em registros de informação e saúde e o técnico em informática, e escolhi a segunda opção por gostar muito e ter uma facilidade com tecnologia. Gosto muito de jogos e de recursos tecnológicos, e escolhendo esse curso, eu teria a possibilidade de manusear um computador e aprender mais sobre, pois não tinha um em casa. O único recurso que tinha era um celular que havia comprado com uma “mesada” que ganhava do meu avô.

O meu primeiro ano do Ensino Médio foi difícil, pois estava em processo de adaptação, era uma nova realidade que estava vivendo, passava o dia inteiro fora longe da família. Foi também nesse ano que conheci alguns dos meus melhores amigos, Vinicius Albuquerque, Luiz Vinicius, David Santos, Wanderson Barbosa e Addryele Pastl, e esse sexteto fantástico ainda apronta as suas até hoje. No geral, o primeiro ano na ETE foi bem complicado, haviam muitas disciplinas e diversos professores, com nove aulas por dia, e me via perdido, muitas vezes perdendo o ônibus que saía às 7:10 da manhã e eu chegava às 7:15. Caminhava, muitas vezes, do ponto do ônibus até a escola, cerca de 5km, até conseguir me adaptar ao horário; acordava mais cedo me arrumava e voltava a dormir até dar a hora de sair de casa, e assim consegui diminuir os atrasos.

O segundo ano foi bem mais tranquilo, tinha adquirido o “macete” das coisas. No fim do segundo ano consegui comprar um novo celular pois o anterior já tinha quebrado um ano antes, com a ajuda da minha mãe e tia e também de alguns salgados que vendia aos Domingos para ajudar em casa. As disciplinas específicas do técnico me atraíram mais e isso me ajudou a ter um engajamento melhor e me tornar mais habilidoso com as ferramentas tecnológicas, desde instalar Cs 1.6 nos computadores da escola a formatá-los. Já as disciplinas do Médio levavam “numa boa”.

O terceiro ano é decisivo na vida de todo o estudante, é onde decidimos o nosso futuro, e ainda estava meio perdido no que fazer: trabalhar ou ir para a faculdade?! Somos pressionados dentro e fora de casa, a família e a escola esperam um resultado de você e isso acaba sobrecarregando e deixando esse ano cheio de responsabilidades. Fiz a seleção para o PREVUPE (Pré-Vestibular da Universidade de Pernambuco) não fui aprovado na chamada regular, entrando apenas na primeira chamada do remanejamento. A maioria da minha turma tinha sido aprovada, porém, fiquei separado de todos, mas mesmo só não desisti. Comecei a passar algumas dificuldades em casa e minha tia se tornou minha heroína, me deu todo o suporte para que fosse possível frequentar todos os Sábados e Domingos o PREVUPE. Todo fim de semana me dava uma certa quantia para ir e voltar de lotação e para almoçar, pois no Sábado, as aulas duravam o dia todo, e eu sempre ia a pé para economizar para a semana seguinte e aliviá-la um pouco.

Mesmo passando por todas as dificuldades, meu último ano no Ensino Médio foi um ano de grandes vitórias. Mesmo não conseguindo entrar no ensino superior, compreendi que aquele ainda não era meu momento, fiz a formatura e tive como madrinha minha prima, Cibele Nayara, um momento muito especial que tive com meus familiares.

No ano de 2017 comecei a trabalhar para conseguir pagar um cursinho pré-vestibular; também contando com o apoio da minha tia, fiz o cursinho Conexão, e os professores eram excelentes, eles nos instigavam a estudar e a concluir nosso objetivo que era entrar no ensino superior. No fim do ano prestei vestibular para Licenciatura em Química no IFPE *campus* Vitória de Santo Antão e consegui a tão sonhada aprovação.

No primeiro período tive o primeiro contato com o PDVL (Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas), e fiz uma seleção composta por uma redação e uma entrevista, consegui ser aprovado e entrei para o GT (Grupo de Trabalho) Experimentação, tendo, também, a oportunidade de ter uma bolsa BIA (Bolsa de Iniciação Acadêmica) e como orientadora a prof. Dra. Kilma Viana, que também havia nos apresentado ao programa. Foi o PDVL que me proporcionou a participar do meu primeiro congresso acadêmico, o V COINTER PDVL, um momento de grande

aprendizado, onde pude adquirir muito conhecimento, e apresentei um trabalho na modalidade pôster, sendo uma experiência inenarrável.

No ano seguinte, gostaria de viver novas experiências, e a partir disso, ingressei no GT de RP (Resolução de Problemas), onde me identifiquei bastante. Neste GT desenvolvi habilidades que contribuiriam para meu desenvolvimento no curso. O PDVL me proporcionou a ida às escolas parceiras, onde pude ter a vivência de sala de aula como docente. Também participei das visitas guiadas proporcionadas pelo programa, ter o contato com o Ensino Médio e as atividades feitas para vivenciar com eles, consolida o despertar da carreira docente e confirma a continuação dessa trajetória. Foi também no GT de RP que conheci o prof. MSc. Sanderson Malta, que me inseriu no PBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), que é voltado para tecnologias no ensino de Química e como essa metodologia pode auxiliar no aprendizado dos estudantes.

O COINTER-PDVL de 2019 foi um momento especial, pois pude fazer parte da comissão organizadora do evento, e por ser um evento internacional, conheci pessoas de diversas áreas, me proporcionando um crescimento profissional e pessoal. Foi possível presenciar como é organizado e como o estudante é tratado como protagonista. Ao PDVL sou extremamente grato por todas as contribuições dentro e fora do ambiente institucional, por me proporcionar cursos de formação no início do curso, despertar a continuidade na carreira docente, mostrar as possibilidades e os desafios da sala de aula.

Presto meu humilde agradecimento a todos e todas envolvidos nesta árdua trajetória de muitas lutas, mas que também obtivemos juntos muitas vitórias. Agradeço, em especial as minhas tias, que exerceram um papel fundamental em minha vida desde a infância, também agradeço à minha companheira e sua família que me apoiam totalmente nesta jornada.